

**INSTITUTO DE ANÁLISE BIOENERGÉTICA
DE SÃO PAULO - IABSP**

MARIA CRISTINA FRANCISCO

**DESENRAIZAMENTO E GROUNDING
(UMA REFLEXÃO SOBRE OS EFEITOS DA ESCRAVIDÃO NA
PSIQUE DA POPULAÇÃO NEGRA E A ANÁLISE BIOENERGÉTICA)**

SÃO PAULO

2007

MARIA CRISTINA FRANCISCO

DESENRAIZAMENTO E GROUNDING

**(UMA REFLEXÃO SOBRE OS EFEITOS DA ESCRAVIDÃO NA
PSIQUE DA POPULAÇÃO NEGRA E A ANÁLISE BIOENERGÉTICA)**

**Monografia apresentada como
requisito parcial ao Programa de
Formação em Psicoterapia
Corporal ministrado pelo
Instituto de Análise
Bioenergética de São Paulo -
IABSP.**

Orientadora: Liane Zink

SÃO PAULO

2007

FICHA CATALOGRÁFICA

Francisco, Maria Cristina

Psicologia / Maria Cristina Francisco; orientação de Liane Zink, São Paulo: Instituto de Análise Bioenergética de São Paulo - IABSP, 2007.

Monografia do Curso de Formação em Psicoterapia Corporal, ministrado pelo Instituto de Análise Bioenergética de São Paulo - IABSP

AGRADECIMENTOS

À Deus, que me deu forças, me abriu caminho para a espiritualidade e que através da sua onipresença, me fez sentir em paz.

À minha família, que através da profunda relação amorosa, me deu sustento nos momentos mais difíceis.

À Liane Zink, por ter me apresentado ao AMMA, na pessoa da Maria Lucia da Silva e pela coragem e ousadia de formarmos sociedade junto ao INTEGRAR - Centro de Atendimento e Desenvolvimento Humano, no Tatuapé.

Ao Edson Galvão de França, por ter sido meu psicoterapeuta corporal e ter me possibilitado vivenciar a psicoterapia corporal de forma tão intensa no Cochicho das Águas, em Mairiporã.

À Luiza Revoredo, por ter cuidado das minhas angústias mais profundas como psicoterapeuta e ter me ajudado a encontrar novos recursos.

Ao AMMA-Psique e Negritude, onde descobri a solidariedade no trabalho e a grandeza em acreditar na luta reflexiva e braçal, por um lugar de respeito e dignidade.

Aos professores e psicoterapeutas corporais ou não, que me auxiliaram a sair das amarras do aprisionamento postural.

À Bioenergética, que possibilitou a mudança de meu corpo transformando-o mais gracioso e sensual e me fazendo sentir mais bonita.

CORPO

“Corpo é lugar de experiência. Somos afetados no corpo pelos acontecimentos do mundo e afetamos a outros e ao próprio mundo.

Corpo é biografia pessoal, familiar e cultural a ser revelada e legitimada.

Corpo é realidade transgeracional a ser reconhecida e resignificada.

O corpo revela o destino humano com sua força e vulnerabilidade, que se abre para o mais além.

O corpo tem a capacidade de se auto-regular.

Corpo é também lugar de mistério. Temos recursos para ler o corpo, mas sabemos que em especial no mundo contemporâneo, onde vivemos o terror de excessiva visibilidade, é importante poder se esconder.

Corpo é lugar de dor e sofrimento, mas também de alegria e prazer.

Corpo é processo, se constrói ao longo do tempo. Aquilo que se pretende verdades sobre o corpo são provisórias, são sempre datadas e plurais.”

Luiza Revoredo (Terapia Psicorporal - Quem somos nós)

SUMÁRIO

RESUMO	VI
INTRODUÇÃO.....	1
1. BREVE HISTÓRICO SOBRE A ESCRAVIDÃO	3
2. BRASIL: A INSTITUIÇÃO ESCRAVIDÃO	5
3. OS AFRO-DESCENDENTES NO BRASIL	8
3.1. IDENTIDADE: PROCESSO EM CONSTRUÇÃO.....	10
4. RACISMO E SAÚDE FÍSICA E MENTAL	11
4.1. CORPO SIMBÓLICO	13
5. ANÁLISE BIOENERGÉTICA	14
5.1. GROUNDING	17
CONCLUSÃO	21
GLOSSÁRIO	22
BIBLIOGRAFIA	25
ANEXOS.....	27
FOTO DO MONUMENTO TOMBADO PELA UNESCO COM LEMBRANÇA DOS ESCRAVOS	27
PROPORÇÃO DE ÓBITOS MATEMÁTICOS, SEGUNDO MOMENTO DA MORTE E RAÇA/COR. BRASIL-CAPITAIS, 1º SEM 2002.....	27
PROPORÇÃO DE ÓBITOS POR CAUSAS MAL DEFINIDAS, POR SEXO, RAÇA/COR E REGIÕES. BRASIL, 2000.	28
TAXA DE ÓBITOS POR HIV/AIDS, SEGUNDO SEXO E RAÇA/COR: GRANDES REGIÕES, 2000.	28
ESPERANÇA DE VIDA AO NASCER POR RAÇA/COR. BRASIL, 2000.	29

RESUMO

Esta monografia foi elaborada com pesquisa bibliográfica e casos de manchete da mídia impressa.

No primeiro tópico deste trabalho é retratado um pouco da escravidão na história da humanidade. Relata seus métodos de manutenção de poder da cultura branca.

No Brasil, o capítulo sobre instituição escravagista mostrou-se particularmente cruel e perversa utilizando-se de estratégias para que o povo africano se desarticulasse como grupo e como ser humano.

Relata como faziam para os escravos esquecerem de suas raízes, de sua identidade cultural e de suas lembranças geográficas.

No capítulo sobre a identidade dos afro-descendentes no Brasil busca-se uma reflexão sobre os efeitos da escravidão na vida atual e os efeitos do preconceito e discriminação no processo de construção da identidade.

No racismo e saúde mental comenta-se sobre as conseqüências desta dor e sofrimento na saúde física e mental desta comunidade, esclarecendo em parte como está construído este corpo simbólico por meio da cor da pele negra.

Em seguida esclarecimentos do que é a Análise Bioenergética e o conceito sobre grounding e os seus desdobramentos.

INTRODUÇÃO

A Análise Bioenergética abre caminhos para o auto-consciência, abrindo possibilidades para a pessoa conhecer suas raízes pessoais e ir de encontro com sua identidade. Neste caso, a identidade africana como tema, com seus traços fenotípicos presentes na cor da pele, no cabelo, etc e socialmente pela história da escravidão e as conseqüências na psique no afro-descendente.

Na Análise Bioenergética pode-se reconhecer a força física, mental, espiritual por meio dos exercícios corporais, conectados com a dinâmica da história pessoal, possibilitando atingir o grounding interno e postural e assim gerando maior contato com a realidade e seu mundo interno e dentro do contexto racial.

Em Benin, a África durante o tráfico negreiro, do mercado ao porto de embarcação, eram previstas algumas paradas. Havia um local chamado de Árvore do Esquecimento, plantada em 1727 pelo rei Agadja. Os escravos deviam passar por ela como um ritual para esquecerem de sua terra, identidade cultural e de suas lembranças. Hoje vivencia-se o resultado dessa perversidade. O silêncio da nossa história é evidente nas nossas famílias, escolas..., pois não há narrativa sobre a negritude.

Havia também a Árvore do Retorno, pois muitos escravos eram submetidos a novas triagens. Muitos morriam e os mais fracos eram jogados com os animais e os que resistiam eram levados até esta árvore, que garantiria que seus espíritos voltassem à terra natal, após suas mortes. Era somente um retorno espiritual, não físico, pois em seguida eram conduzidos à Porta do Não-Retorno (local de embarque da última viagem dos escravos).

Tal recurso não fez eco na nossa riqueza musical. Uma das mais belas do mundo, como também na cultura religiosa africana e gastronômica.

Este presente trabalho tenta dar luz a história do povo afro-descendente, sair do silêncio marcado pela vergonha, desvalorização, negação das raízes, crenças e cultura africanas a que fomos submetidos e revelar seus imensos valores.

No Instituto AMMA em 2006, com o auxílio da dinâmica grupal com Liane Zink, ficou evidente o imenso silêncio do nosso povo, pois há falta de narrativa na comunicação verbal sobre a negritude e a importância de contarmos nossa história e termos nosso grounding cultural e visual.

Não mais o silêncio, não mais o isolamento e sim enraizados em nossos valores pessoais e culturais, naquilo que acreditamos como nossa verdade. Como construção e posicionamento de quem somos na vida, como seres humanos.

Nós humanos, afro-descendentes fazemos parte deste planeta e temos direito à vida.

Uma curiosidade: atualmente, na Rota dos Escravos, depara-se com uma escola com o nome Complexo Escolar do Brasil, onde muitos escravos libertos retornados deixaram rastros da brasilidade na alimentação e arquitetura.

Atualmente, no local desta Porta do Não-Retorno está representado por um imenso monumento tombado pela Unesco.

O Memorial da Lembrança, no local da antiga vala comum, é um local de reflexões, recolhimento e meditação.

(ver foto em Anexos, p.27).

1. BREVE HISTÓRICO SOBRE A ESCRAVIDÃO

Alberto da Costa e Silva em seu livro “A Manilha e o Limbo” relata que transformar prisioneiros de guerra em escravos remota de 2.680 a.C, no Egito na IV Dinastia, faraó Esneferu. Deviam datar de muito antes – pelo menos desde a I Dinastia – as descidas de escravos negros da Núbia e do Cordofà para o Egito.

Quanto mais longe da casa do comprador tivesse origem o escravo, maior o seu preço, pois seria mais difícil a fuga, para de novo juntar-se aos seus ou a grupos da mesma língua e cultura, e também era mais fácil o processo de desenraizá-lo. Numa sociedade que possui muitos escravos, convém que eles venham de lugares distantes, com idiomas e costumes diferentes, a fim de que reencarnem para a escravidão em solo em tudo estrangeiro, com o qual não tenham o menor vínculo e no qual sejam obrigados a reaprender a falar, a comer, a comportar-se e até mesmo a orar a novos deuses.

Em relação à mulher, uma particularidade no processo de desenraizamento diz respeito a moças escravas que eram também obrigadas a deitar-se com o senhor ou com os rapazes da casa, pois esta é uma das regras mais antigas do escravismo: o escravo não é dono de seu corpo nem de sua sexualidade.

Já no Antigo Império egípcio escravizava-se principalmente o indigente. Cair na extrema pobreza era prova de que se era incapaz de organizar a própria vida e um sinal de repúdio dos deuses. Isso excluía o indivíduo da comunidade, exilava-o internamente, fazia dele um desonrado, um “morto-vivo”, que tinha que ser apropriado por outra pessoa e, de alguma maneira, domesticado.

O escravo de guerra tinha sua morte real anunciada e a escravatura era outra maneira de morrer. Assim, antes de se tornar escravo este mesmo já tinha uma “morte pessoal”. Era como se não houvesse alternativa, perspectivas.

No Brasil dos séculos XVIII e XIX quando alguém mencionava um africano, o mais provável é que estivesse a falar de um escravo, pois nessa condição amargava a maioria dos homens e mulheres que, vindos da África, aqui viviam.

Também no Brasil a importação continuada de escravos fazia com que a África entregasse permanentemente a sua gente e, com ela, os seus valores no Brasil. E de certa forma o processo de acomodação cultural do africano era, assim, continuamente interrompido.

Em solo brasileiro percebe-se que houve resistências, um escravizado em vez de sujeitar-se de todo à maneira de viver do branco, fortalecia-se de suas crenças e costumes a cada embarque de um navio de Lagos, e enriquecia-se ao contato com africanos de outras origens.

Nas cidades maiores como Salvador, Rio de Janeiro, Recife e São Luís, em suas esquinas eram comuns reunirem-se os que vieram de uma mesma nação, ou falavam a mesma língua, ou eram, na África, vizinhos ou culturalmente aparentados. Os escravos tentavam refazer como podiam os liames sociais violentamente partidos. O ir e vir de notícias era possível porque um aristocrata feito escravo por motivos políticos, provavelmente poderia enviar mensagens para a sua terra natal e também porque a maioria dos tripulantes dos navios negreiros eram marinheiros negros, muitos deles africanos de nascimento.

Vemos assim, que os descendentes dos povos africanos carregam dentro de si mitos, valores, segredos, crenças de seus ancestrais, bem como as marcas das violências sofridas durante a escravidão.

2. BRASIL: A INSTITUIÇÃO ESCRAVIDÃO

Analisando a desarticulação da escravidão no Brasil, após a imposição do fim do tráfico de escravos por Bill Aberdeen da Inglaterra (1850), a Lei do Ventre Livre (1871), dos Sexagenários (1885) e a Lei Áurea (1888), através de legislação, permitiram ao Estado Imperial encontrar um elemento de diálogo e reflexão com as elites escravistas, que foi o Movimento Abolicionista. Através deste movimento, os negros foram conduzidos para fora do mercado escravista, sem quaisquer ganhos adicionais, e permitindo a transição regulatória para o industrialismo.

O Estado brasileiro apresentava-se em constante reflexão pela pressão dos escravos (desorganização do trabalho), a atuação do abolicionismo (busca de uma nação moderna), a ação do Estado (manobra por uma estratégia de sobrevivência) e a pressão externa (principalmente da Inglaterra).

Neste constante processo de transição, a exclusão do negro se perpetuou, uma vez que, as leis abolicionistas não expressaram preocupação formal com a inserção deste no mercado. Estas leis eram antes de tudo, mecanismos reguladores das exigências desse momento histórico. As leis buscaram obter o controle, resolver os conflitos de interesses que ocorriam no meio social.

As leis abolicionistas foram usadas como mecanismos para preservação do poder, regular e controlar a sociedade. Ou seja, o Estado necessitava sobreviver como Império, controlar a força de trabalho e preservar a hegemonia da classe dominante. Por outro lado enfrentava a luta revolucionária dos escravos, a maçonaria identificada como abolicionista e ações do judiciário dando ganhos de causa aos escravos e a pressão internacional. A resolução apontada pelo Estado foi estabelecer um processo de regulação que lhe trouxesse perda mínima.

Neste sentido, a saída foi aceita pela classe dominante, desde que não se apresentasse propostas de profundidade. E também porque não se pensava a possibilidade de desenvolvimento da sociedade brasileira sob o sistema escravagista.

O processo abolicionista brasileiro efetuou-se na segunda metade do século XIX e dentro dessa realidade política permaneceram as desigualdades étnicas, a concentração de riquezas, a exploração econômica do negro, a exclusão de empregos e melhores salários e a marginalização no processo escolar. A legislação escravista não levou em conta o negro como sujeito histórico, sendo a abolição mero mecanismo de preservação de interesses da classe dominante.

Desde o posicionamento de José Bonifácio (1823) a Joaquim Nabuco (1888) passando pelos representantes do Abolicionismo, não se encontra uma proposta efetiva de inclusão do negro, que tenha sido aplicada. Existem sim, muitas referências concretas para a introdução dos imigrantes no país em substituição aos negros.

“Louis Conty, médico francês radicado no Brasil como professor da Escola Politécnica, realizou, em 1878, estudos sobre a realidade brasileira dando especial ênfase à população negra que, na ocasião, vivia o processo que culminou com a abolição. Tal processo, embora lhe tenha atribuído a cidadania, na realidade não a libertava, pois não lhe garantia as condições necessárias para o exercício dessa cidadania; e além disso, não obstante a abolição, permaneceria por tempo indeterminado o cativeiro psíquico de uma imagem que, com o crivo da ciência, justificaria uma “*inumanidade*” do negro”.¹

Neste pensamento consideravam-se sujeitos à vagabundagem, desconhecendo idéias de família e propriedade; portanto roubavam e matavam para ganhar a vida.

Esse processo de exclusão do negro ignorando-o como pessoa, como um trabalhador integrado ao processo de produção e sendo visto como propriedade deturpava-o e inibia a consciência crítica do escravo.

A educação dos escravizados e dos africanos era indesejada e até proibida, em 1837 foi sancionada no Rio de Janeiro, lei que regulava os direitos à instrução primária, proibindo de freqüentar escolas públicas todas as pessoas que padecessem de moléstia contagiosa e os escravos e pretos africanos, ainda que livres e libertos. O ingresso da população negra na escola passa a

¹ Nogueira, I.B. (1998.76)

ser pensado próximo da abolição da escravatura. Pensado pelos abolicionistas como forma de integrar o negro à sociedade e garantidora da força de trabalho.

Nota-se que as medidas educacionais no início do século XX eram centradas em eugenia (aperfeiçoamento da espécie via seleção genética e controle da reprodução) e higienismo: sanar a degenerescência, resultado da indolência, preguiça e mau caráter. O controle sobre os descendentes de africanos significava desenvolver hábitos saudáveis, corrigir hábitos domésticos e cercear a liberdade de nascimento da prole de degenerados.

A escola então, se referia à cultura do branco e propunha rituais disciplinadores para os negros como sedução em oferecer-lhes possibilidades de alteração, sugerindo o enbranquecimento como saída, características físicas que os aproximem “do branco”, que os “humanizem”. O acesso à educação, portanto, era seletivo (excluindo trabalhadores subalternos, negros, pobres e miseráveis).

O escravo tinha consciência da situação de miséria e de opressão a que era submetido, por isso rompia com a escravidão através dos quilombos, fugas, conflitos sangrentos, morte dos senhores e acomodação em troca de alguma autonomia. Mas faltava-lhe muitas vezes, a consciência crítica, possibilitando um movimento nacional em maiores proporções.

Apesar de dizer que a eliminação da escravidão colocaria fim a injustiça que martirizava o escravo, e de não considerar o negro como raça inferior, Joaquim Nabuco, por exemplo, um dos grandes representantes do abolicionismo, dizia que o término da escravidão era importante, ela arruinava economicamente o país. Nota-se que essas idéias estavam mais afinadas com as idéias que circulavam na Europa, vendo a escravatura como atraso da nação. É uma expressão da sociedade industrial, gerada pela Revolução Industrial do século XIX. Ele visualiza um novo papel para o Brasil, como força complementar no industrialismo, na nova divisão de trabalho.

Diante desta nova situação internacional, era preciso abrir os mercados das colônias e semi-colônias, introduzir lá os desempregados da Europa, assalariá-los e vender-lhes mercadorias. Nesse Novo Mundo, a sociedade escravista tornava-se odiosa. Era preciso varrer por meio da Abolição da Escravatura.

3. OS AFRO-DESCENDENTES NO BRASIL

Segundo Ricardo Franklin Ferreira em seu livro “Afrodescendente-Identidade em Construção”, o brasileiro está submetido a uma “ideologia do branqueamento”, pois muitas das pessoas cuja constituição contém traços constitucionais do negro, ao responderem quesitos sobre cor da pele, negam tais características, muitas vezes nem se reconhecem como tal. Isto nos permite supor que há um índice superior de pessoas de origem africana do que indicada nas pesquisas. Ironicamente os afro-descendentes passam a ser discriminados como uma “minoría”, quando na verdade, constituem um número maior que a metade da população brasileira.

O Brasil, em relação às outras nações americanas, foi o país a escravizar o maior número de africanos e o último do mundo cristão a abolir a escravatura (1888). Apesar destes dados cultivou-se a imagem de si mesmo como a primeira “democracia racial” do mundo. Sendo a convivência entre brancos e negros como harmoniosa e igualitária. Essa concepção é um mito.

Em outros países (Sul dos Estados Unidos e África do Sul), a segregação racial explícita e institucionalizada, favoreceu uma grande mobilização de pessoas contra ela, levando os afro-descendentes a entrar em contato com seus valores africanos, a desenvolver um sentido de grupo e a lutar contra tal condição. No Brasil, esse mito da democracia racial encobre o preconceito e torna muito mais difícil o combate a injustiça para com os indivíduos e grupos etno-raciais diversos do branco-europeu. Desta maneira, a discriminação opera no nível dos indivíduos de forma inconsciente e nem sempre identificável.

Os valores ancestrais africanos, incluídos no processo de desenvolvimento na nação brasileira passaram a participar de sua constituição sociocultural. Então, o desenvolvimento da identidade do brasileiro está condicionado à participação dos africanos na vida brasileira, nas manifestações culturais, gestos e relações constituintes de formação da cidadania.

Historicamente o homem de origem africana e seus valores foram sistematicamente associados a qualidades negativas do europeu muito antes

do processo de colonização brasileira. O africano tem sido considerado como construtor de cultura, vista como folclórica, porém dificilmente como construtor de civilização. A igreja cristã, em meados do século XIV legitimava esses valores colocando os negros como pagãos, concedendo ao Rei Afonso a plena e livre faculdade de invadir, conquistar suas terras e bens e subjugar esses povos, inimigos de Cristo.

Qualquer indivíduo ou coletividade que infringisse essas determinações seria excomungado.

Assim, a identidade da pessoa negra traz do passado a negação da tradição africana, a condição de escravo e o estigma de ser um objeto de uso como instrumento de trabalho.

No presente, o afro-descendente tenta construir um futuro promissor, mesmo com a constante discriminação racial, de forma aberta e encoberta.

A elite brasileira se auto-identifica como branca. Assume as características do branco-europeu como representativas de sua superioridade étnica. Em contrapartida, o negro é visto como o tipo étnico e culturalmente inferior. Nesta dicotomia estabeleceu-se uma escala de valores, de maneira que as pessoas cujas características a aproximam do tipo branco tende a ser mais valorizada, e aquelas próximas do tipo negro tende a desvalorização e socialmente repelida.

No Brasil, tem-se a crença de que a miscigenação é conseqüência de um processo em que o afro-descendente encontrou mais respeito e com maiores possibilidades de ascender na escala social, e este argumento tem servido para afirmar o quanto o brasileiro “aceita” a convivência de raças, ou seja, de que não há preconceito no país.

No entanto, a questão racial está manipulada de forma a conservar os segmentos e grupos dominados dentro de uma estrutura estabelecida. As oportunidades de trabalho e a ascensão social não são idênticas para negros e brancos, mas joga-se sobre o este a responsabilidade de sua inferioridade social, econômica e cultural.

A escola ao distorcer a realidade histórica, mostrar os povos africanos como “tribos” estáticas no tempo, alheias ao conhecimento científico e a mídia

colocando o afro-descendente numa imagem estereotipada muitas vezes, em condições subalternas, as mulheres também em situações erotizadas, internalizando tais valores, promovendo a destruição de uma consciência negra.

Assim, a sociedade brasileira cria mecanismos desfavoráveis ao desenvolvimento de uma identidade articulada em torno de valores positivamente afirmados, mesmo para qualquer cidadão branco e indígena também, porque trata da constituição da identidade do brasileiro.

3.1. IDENTIDADE: PROCESSO EM CONSTRUÇÃO

A existência do ser humano pode ser vista como uma constante tentativa de encontrar um lugar seguro em seu mundo e articular-se com suas constantes transformações. Ou seja, criando um mundo simbólico organizado por sua experiência pessoal (conceitos, crenças, idéias, atribuições sobre si e sobre o seu ambiente físico e social) e por meio de construções sobre a realidade, de maneira consciente e inconsciente e determinando sua auto-estima. Neste contexto a experiência psicológica forma um caráter em construção permanente, possibilitando um reconhecimento de si e do outro como indivíduo – sua identidade.

A visão deformada das qualidades do homem africano, criada pelo europeu colonizador, legitimou historicamente a dominação direta e indireta dos indivíduos considerados “diferentes”. Foram criadas construções simbólicas em torno de referências de identidades associadas à inferioridade e a outros valores vistos socialmente como negativos. Percebe-se que há um processo dinâmico onde o indivíduo constrói a si (individualidade), transforma-se ao longo do tempo (temporalidade), existe num contexto social (socialidade) e se localiza na história (historicidade). Desta maneira, torna-se autor na sua forma de existir.

4. RACISMO E SAÚDE FÍSICA E MENTAL

Maria Lucia da Silva relata que a população negra vive em condições especiais de vulnerabilidade, pela inserção social desqualificada, desvalorizada e de invisibilidade diante de suas necessidades reais nos programas de promoção e prevenção de saúde. Então homens e mulheres vivem em constante estado defensivo.

Existe também uma necessidade constante de integrar-se socialmente e, ao mesmo tempo de proteger-se dos efeitos adversos da integração, o que gera conflitos que provocam doenças psíquicas, físicas e psicossociais.

A seguir os *agravos de saúde* considerados como prioridade no Plano Nacional de Saúde em relação à população negra:

- *Mortalidade materna;*
- *Causas externas (homicídio);*
- *Mortalidade infantil;*
- *Doenças crônico-degenerativas: hipertensão e diabetes mellitus;*
- *Doenças cardiovasculares;*
- *Doenças mentais (depressão, alcoolismo);*
- *Desnutrição (criança, gestante, idoso);*
- *DST/Aids e*
- *Mortalidade por Aids em mulheres negras.*

(Gráficos em Anexos, p.27 a 30)

A tensão gerada entre as forças individuais e ambientais leva ao sofrimento psíquico das pessoas. Como força individual entende-se os comportamentos, atitudes de adaptação, características biológicas e herança genética. Como força ambiental, fatores como educação, emprego, condições de trabalho, entorno social, cultura, entre outros. Podemos dizer que um enorme contingente de afro-descendentes, vive em constante sofrimento mental e frustração, devido às precárias condições de subsistência e à falta de perspectivas futuras e oportunidades.

O inconsciente coletivo marcado pelo racismo, manifestado pelo preconceito, visão estereotipada e discriminação, são geradores de situações de violência física e simbólica, que produzem marcas psíquicas e distorcem sentimentos e percepções de si mesmo.

Diante desta dinâmica complexa, os afro-descendentes vivem em estado de tensão emocional permanente, causando transtornos psíquicos como angústia, ansiedade, síndrome de pânico, depressão, ataques de raiva, entre outros.

Ao internalizar atributos negativos, instala-se o sentimento de inferioridade, aparecendo comportamentos de isolamento, entendidos freqüentemente, como timidez ou agressividade contida.

O *Jornal Folha de São Paulo, caderno Cotidiano, em 29/08/07*, traz a seguinte manchete: “Pai acusa Lojas Americanas de racismo e vai à Justiça no Paraná”.

“... Segundo a ação, o auxiliar administrativo Gesse Gomes, 36, e o filho compraram chocolates e chicletes na loja da rede no Shopping Mueller, em 15 de julho. Ao saírem, o alarme que acusa a passagem de produtos sem pagamento disparou.

Um funcionário abordou Gomes e o filho. Aos gritos, segundo a ação, disse: “Parem imediatamente. Abram as bolsas e coloquem todos os pertences para fora”. Ao filho de Gomes, falou: “Você, crioulinho, pegou alguma coisa da loja?”.

De acordo com a ação, o funcionário pediu que eles esvaziassem os bolsos. Mesmo assim, o alarme não foi desligado.

Depois, o pai percebeu que no bolso da camisa do filho havia um “pendrive” (memória portátil de computador). “Quando tirei o “pendrive” do bolso, ele (filho) passou normalmente pelo equipamento (de alarme). Aí meu filho começou a chorar. Estou gastando com psicólogo até hoje. Ele não sai na rua com medo”.

O funcionário, que, segundo a ação, não é segurança, mas repositor de prateleiras, teria virado as costas e dito: “São todos negros, não valem nada”.

“Meu filho não quer entrar em shoppings. Fica dizendo que os seguranças vão pegá-lo. Ele e um amigo estão pensando que não vão deixá-los andar na praça de alimentação dos shoppings porque são negros”, disse”.

O racismo atua negativamente na esfera psíquica afetando o eu e comprometendo a identidade, levando a desvalorização da auto-imagem. Atua no corpo. Este ataque ao corpo é constante.

4.1. CORPO SIMBÓLICO

No corpo do afro-descendente ao explorar as dimensões imaginárias e simbólicas percebe-se que se produzem vivências psíquicas particulares.

Para a psicanálise, o corpo é irrepresentável, por vezes ele se esconde em outros padrões sociais (beleza, magreza, rigidez, gestos, cabelos, cor de pele...). Então na dimensão psíquica o corpo irá se inscrever como corpo imaginário e corpo simbólico.

Corpo imaginário corresponde à imagem pelo reconhecimento do outro, através do olhar da mãe sobre o filho produzindo as estruturas da identificação.

Corpo simbólico corresponde à forma, um aspecto do corpo simbolizado, investido de significação. A **pele negra** é um componente deste simbólico.

Segundo Izildinha Baptista Nogueira, em sua tese de doutorado, no processo de identificação, o afro-descendente se identifica com a “brancura”.

“Françoise Dolto, psicanalista infantil, em seu livro **A imagem inconsciente do corpo**, estabelece uma distinção entre os conceitos de imagem do corpo e de esquema corporal. O esquema corporal indica a condição de representante da espécie do indivíduo, em geral, o mesmo para todos; já a imagem do corpo não se define a partir desse pertencimento genérico à espécie humana: ela é única a cada um, específica, está ligada ao sujeito, à sua história; é inconsciente e sustentada no narcisismo.

A imagem do corpo é uma construção imaginária determinada pelo fato de que o aparelho psíquico se estrutura nas instâncias psíquicas do id, ego e superego (Freud). Nesse sentido, a imagem do corpo estará envolvida em todas as formações do aparelho psíquico.”²

No processo psicoterapêutico, o paciente se faz perceber pelo analista através da verbalização de sua história e pela imagem do corpo. E esta imagem do corpo é também corpo simbólico, contido de conflitos.

Dentro deste pensamento, que sujeito desejante é este afro-descendente, que através do seu corpo procura a satisfação do desejo, mas que há um entrave – sua cor? Um corpo que é a negação daquilo que deseja, sua identificação – o corpo branco.

² Nogueira, I.B.(1998.72)

5. ANÁLISE BIOENERGÉTICA

“A vida de um indivíduo é a vida de seu corpo”

Alexander Lowen

“Através do trabalho com o passado, o paciente em terapia descobre os seus conflitos originais e novas formas de lidar com situações de rejeição e ameaça à vida que o forçaram a se “encourçar” como forma de sobrevivência. Sendo assim, uma pessoa só pode crescer e firmar suas raízes em seu próprio passado. E o passado de uma pessoa é o seu corpo.”³

Wilhelm Reich tinha o pensamento de que a estrutura da sociedade se refletia na estrutura do caráter das pessoas.

A Bioenergética se baseia no pensamento de Reich, onde em seu livro *“Análise do Caráter”*, cita a identidade funcional da pessoa com a couraça muscular. Esta couraça se refere ao padrão de tensão muscular crônica no corpo, desenvolvidas para proteger o indivíduo contra experiências emocionais dolorosas e ameaçadoras.

Essas defesas junto com as representações mentais, crenças, valores constituem a estrutura de caráter, que influenciam a auto-percepção física, a auto-estima, a auto-imagem e a relação com o ambiente. Sendo inconscientes passam a fazer parte da identidade, dificultando sua transformação.

Um dos pilares fundamentais dessa teoria corporal é estar em contato com sua realidade interna, emocional e a externa, o mundo. Consciência do seu corpo e sexualidade integralmente, onde Alexander Lowen conceitua como *grounding*. Para atingir esse contato com as emoções e esse encorajamento muscular utiliza-se a respiração e os processos energéticos do corpo (intensidade, fluxo, bloqueios e contenção).

Considerando o corpo como uma unidade psicossomática, o que afeta a mente, afeta o corpo e vice-versa.

As restrições à vida não são impostas voluntariamente nas pessoas, desenvolvem-se como forma de sobrevivência no meio familiar e cultural que nega as necessidades do corpo em favor das exigências consumistas e competitivas de uma sociedade capitalista.

³ Lowen, A.(1982.30)

A técnica Bioenergética pretende auxiliar a pessoa a integrar-se com seu corpo, através de exercícios corporais facilitadores de expressão emocional.

Esta técnica também se apóia na leitura corporal e nos conceitos psicanalíticos, utilizando-se da linguagem verbal, trabalhando a resistência, ou melhor, as defesas que são recursos psíquicos para lidar com a dor e o estresse. Também a transferência e contra-transferência, a imagem e esquema corporal.

Dentro da particularidade relacionada ao afro-descendente, esta técnica é facilitadora, uma vez que possibilita ao indivíduo trazer a sua história pessoal e as repercussões sofridas em seu corpo.

Segundo David Boadella, nosso sistema orgânico (simpático e parassimpático) é formado por camadas celulares primárias, um estresse pode romper a integração e a organização desse sistema. As camadas do corpo são a **interna (emocional)**: órgãos digestivos, circulatório e o respiratório, a **central (muscular)**, responsável pelas nossas ações e movimentos e a **externa**: tecidos nervosos do corpo e os órgãos dos sentidos, incluindo a pele, responsável por reunir e coordenar informações sobre o mundo.

I - As camadas defensivas psíquicas do ego seriam: negar, desconfiar, culpar, projetar, racionalizar e intelectualizar.

II - As camadas musculares onde se encontram as tensões musculares crônicas (defesas do ego), reprimindo sentimentos e sensações. São as chamadas “estruturas de caráter”.

III - A camada emocional inclui sentimentos reprimidos de raiva, pânico ou terror, desespero, tristeza, dor e ansiedade.

IV – O centro ou coração, dele viriam os sentimentos de amar e ser amado.⁴

A Análise Bioenergética não tem a pretensão de eliminar as camadas defensivas da pessoa, mas através do trabalho corporal objetiva-se atingir **camadas coordenadas e expressivas** conforme as circunstâncias, num corpo livre e aberto, que seriam respectivamente:

⁴ Lowen, A.(1982.30)

I – Camada do Ego-Consciente estariam expressões da auto-percepção, auto-assertividade e autodomínio.

II – Camada Muscular estariam movimentos eficazes de maneira graciosa e coordenada.

III – Camada Emocional estariam os sentimentos bons, prazer/alegria, dor/sufrimento.

IV – Centro ou coração estaria os sentimentos de amor (expressão amorosa numa atitude espontânea, livre de ansiedade).

Neste presente trabalho pretendemos utilizar os conceitos de grounding e as técnicas bioenergéticas como recurso facilitador de investigação do desenraizamento da pessoa afro-descendente.

Normalmente o afro-descendente tem sua auto-imagem corporal negada em sua cor de pele e nos conceitos sobre si mesmo, conceitos estes em geral tidos com menos valia e com atributos negativos, resultando numa insegurança, medo e muitas vezes reagindo defensivamente através do isolamento, rigidez.

Esses preconceitos nem sempre vêm à consciência, nem sempre sabemos que somos preconceituosos, porque o processo de aprendizagem na sociedade é articulado com informações, atos, informações nem sempre evidentes.

Nas inúmeras Oficinas conduzidas pelo **Instituto AMMA**, levantando conceitos do Imaginário Coletivo ligados a cor vemos que:

Pessoa branca é vista como honesta, rica, arrogante, inteligente, limpa, bonita, bem sucedida, tem cabelo bom, elegante, cheirosa, patrão...

Pessoa negra como forte, pouca capacidade intelectual, agressiva, marginal, cabelo ruim, bem dotado, pagodeiro, malandro, pobre, feio, sujo, empregado, jogador de futebol...

Pequenas falas:

“Acho o negro espalhafatoso, barulhento, mal educado”

“Penso que sou racista, quando me ocupo o tempo inteiro em não sê-lo”

“O simples desconforto e dificuldade que sinto em escrever sobre o assunto do racismo já me revela racista.”

“A diferença, entretanto, com relação ao negro é que o receio também envolve preconceito histórico introjetado em mim.”

“... a pessoa que dirigia a peça, jamais iria apostar no sucesso de um negro e sim a tendência seria achar que esse seria o papel de menos importância por se tratar de um negro.”

5.1. GROUNDING

Grounding não é o chão onde piso, são os meus pés”

Liane Zink

A pessoa no processo terapêutico utilizando a técnica bioenergética de grounding tem a possibilidade de localizar na psique do corpo sua vivência pessoal, sensações internas e reações aos estímulos externos possibilitando dar consciência a si mesma e como esta se posiciona na vida, no mundo.

Durante a prática vibrações corporais podem surgir, movimentos sutis ou finos podendo estar associada à sensação de estar vivo, de prazer. É uma reação terapêutica, uma tentativa do corpo de se livrar da rigidez por meio da mobilidade muscular.

O afro-descendente sentindo seus pés no chão, por meio do **grounding postural** (A.Lowen), onde a energia flui pelas costas com o sentido de progressão (mover-se para frente na vida) significa experimentar a autonomia e possível independência. Também a capacidade de defender sua opinião, uma causa, seu próprio ser diante da discriminação e manifestações de racismo. Possibilita desenvolver um sentimento de segurança, vitalidade e integração durante o processo terapêutico.

No **grounding horizontal** (David Boadella), a energia flui a partir dos genitais, do coração, do plexo solar, da garganta e dos olhos, o afro-descendente tem a possibilidade de ampliar suas relações pessoais, saindo do

isolamento e da rigidez defensiva diante da sensação de se ver como diferente dos demais seres nas mais variadas situações.

A energia pulsa também entre a periferia do organismo e o centro e vice-versa, esta é responsável pelas percepções internas, a qualidade de contato do olhar, por exemplo.

O **grounding interno** (David Boadella) é a qualidade da relação terapêutica. Implica em confiança, suporte, cuidado, reconhecimento, vínculo. O afro-descendente no seu sentimento de solidão, muitas vezes marcado pelo silêncio histórico da escravidão, sente-se amparado nesta qualidade de vínculo. A dor de não poder compartilhar seu sofrimento, sua história com medo de não ser reconhecido em sua dor, pode gerar uma das piores angústias, pois amplia por demais a solidão.

O psicanalista **Contardo Calligaris**, em sua coluna semanal com o título “*Depressão e Terapia*” no **Jornal Folha de São Paulo, de 27/09/07**, cita que: “... quando alguém sofre, a primeira tarefa dos próximos (e dos profissionais) não é a de consolá-lo sugerindo reavaliações, mas a de ajudá-lo a encarar seu sofrimento assim como ele é”. Ele precisa de um tempo, um espaço para dizer sua dor.

David Boadella, em seu livro “*Correntes da Vida*” faz uma citação de **Tillich** – “**Só podemos descobrir nossas almas através do espelho daqueles que nos olham.**”

Neste mesmo livro, cita o **Ground Interior** como o encontro entre a essência e existência. Encontrar a “firmeza” interior, aumentando a auto-percepção onde surge a energia de expansão, de movimentos espontâneos de contato.

Outra citação na Análise Bioenergética é a **evitação do grounding e colapso interno**. Pode haver uma recusa da pessoa em se sustentar em seus próprios pés, colocando-se dependente do outro ou a recusa em apoiar-se no outro, erguendo-se do chão para não sentir o contato com a realidade.

A camada externa rígida e a interna colapsada. Falso self, representa um self enfraquecido encoberto por um corpo rígido.

“Atendi durante vários anos uma paciente, mulher negra, jovem que muito cedo havia perdido a mãe e depois criada em lares

sem estruturação e constituição afetiva. A mesma que sempre se achou auto-suficiente, tentava salvar o irmão, o sobrinho da marginalidade e ajudar a família e amigos se colocando sempre à disposição.

Tinha corpo bem formado, firme, bom tônus muscular. No entanto, nas relações afetivas seu corpo colapsado se revelava, mostrando-se completamente dependente deste outro emocionalmente. Na maioria das vezes, submetida ao outro.

Confiava cegamente nas pessoas, de modo inteiramente inocente, imaturo, livre de qualquer maldade, chegando a perder dinheiro em situações muito ingênuas.

No processo psicoterápico tinha muita dificuldade de entrar em contato com esta realidade interior, faltando constantemente às consultas e resistindo aos trabalhos corporais.

À medida que sua auto-percepção aumentava, mais insegurança lhe causava. Acabou por abandonar a psicoterapia. Mantém seu trabalho, tem certa autonomia, mas seus negócios não se expandem e apresentam dívidas financeiras constantes.”

No **grounding do olhar** (David Boadella) preserva-se o contato visual. O bebê quando nasce busca o olhar da mãe e se retrai se não encontra um ambiente acolhedor. São reveladas as expressões interpessoais e as emoções.

Muitas vezes presenciei nas ruas e outros ambientes externos pessoas afro-descendentes evitando-se no contato visual.

Quando esse contato é realizado percebemos que nosso senso crítico se revela. Nossos pensamentos se voltam para o julgamento moral, de avaliação social, muitas vezes olhando o outro que está numa posição bem sucedida socialmente como “metido a besta” ou de maneira preconceituosa. Dificilmente o olhar se expressa de maneira natural, livre de julgamentos. Pode-se dizer que com qualquer um isto pode acontecer. Mas na condição histórica em que foi colocado o negro, a imagem corporal normalmente é negativa, muitas vezes pelo próprio negro.

A mídia hoje tem usado de propagandas politicamente corretas, colocando o afro-descendente em posição de destaque, auxiliando que esta imagem marginalizada seja dissolvida.

A imagem de sucesso sempre foi a do homem branco, dificultando que a pessoa afro-descendente se espelhe positivamente entre os seus. Seu modelo sempre foi o outro. Isto certamente causou e causa danos em sua saúde

mental. É importante ler a **Tese de Doutorado: "Significações do Corpo Negro"** da Psicanalista e Professora da USP, **Dra. Isildinha Baptista Nogueira**. Neste trabalho ela mostra uma profunda reflexão a respeito.

Na **transmissão intergeracional do padrão de apego** fala-se da necessidade de manter um modelo operativo interno para o bebê, através de uma figura estável e responsiva.

É interessante a expressão que **Odila Weigand** usa em seu livro **"Grounding e Autonomia"** para tratar deste assunto. "O enraizamento do novo ser na família transfere para ele mitos, crenças, valores, segredos, muito antes que ele possa se dar conta e fazer suas escolhas."

Acreditamos que este **padrão de apego** muitas vezes ficou bastante comprometido, em virtude da mulher negra precisar deixar seus filhos para cuidar dos filhos da patroa.

Pensando nisto, o **Instituto AMMA** já está organizando oficinas para o primeiro semestre de 2008, com o objetivo de trabalhar com mulheres grávidas, negras e seus companheiros. Introduzindo não somente a questão da auto-estima, imagem corporal, novo papel como mãe, mas também o trabalho corporal neo-reichiano.

Em **grounding na cultura e na comunidade** coloca-se o papel do grupo social, sua cultura como fatores que implicam no enraizamento de mitos, crenças, práticas religiosas. Vimos a resistência da Comunidade Kilombola (descendentes dos Quilombos) em manter viva sua luta pelos direitos a propriedade em que seus ancestrais, durante três séculos de escravidão trabalharam no cultivo destas terras.

Também há expressões religiosas como a Umbanda e Candomblé, que sobreviveram a tantas imposições de crenças da cultura européia.

Na música vemos as expressões do samba, chorinho, pagode, o carnaval garantindo a influência da cultura africana em nossos costumes e cotidiano.

CONCLUSÃO

A Análise Bioenergética de Alexander Lowen com seus conceitos teóricos fundamentados na psicanálise e na Análise de Caráter de Wilhelm Reich possibilita para o afro-descendente trabalhar sua imagem corporal e corpo simbólico.

Bem como ter consciência deste corpo imaginário sustentado, inicialmente através do grounding do olhar da mãe e por meio das diversas possibilidades de “enraizamento” como um caminho da pessoa entrar em contato consigo mesma e com o mundo. Desta forma, possibilitar a integração do corpo, o coração e a sexualidade, desenvolvendo assim sua identidade e também a simbolização da “pele negra” e seus atributos na influência do processo de construção da identidade do afro-descendente.

Trazer à tona sentimentos encouraçados na musculatura corporal, sair da negação de si mesmo como negro e de seu processo de aproximação do corpo branco, fortalecendo-se como sujeito, valendo-se da sua própria história e de seus ancestrais, através da narrativa.

É possível contextualizar o afro-descendente, diante da teoria e prática corporal da Análise Bioenergética na sua individualidade, história pessoal e influência social, trabalhando o caráter defensivo por meio das expressões da emoção e assim poder o afro-descendente falar consigo mesmo, ter consciência e influenciar seu comportamento.

Ou seja, um corpo que possa sobreviver consigo mesmo, organizar suas experiências para se tornar sujeito de seu desejo.

Com isso atingi-se um corpo mais livre, aberto, com autonomia, auto-percepção e conseqüentemente com mais saúde física e mental.

GLOSSÁRIO

Afro-descendente categoria que inclui tanto as pessoas consideradas negras como as consideradas mestiças.

Autoconceito – maneira pela qual a pessoa organiza as percepções sobre si mesma, é um processo que começa pelo nascimento, desenvolve-se ao longo da vida, de acordo com as experiências vivenciadas do dia-a-dia. O conjunto das auto-percepções, algumas temporárias outras permanentes, forma o auto-conceito e influencia o comportamento dos indivíduos, associa-se à auto-valorização positiva ou negativa e é a referência através da qual a pessoa vê o mundo que a rodeia, numa dinâmica complexa que envolve a organização das idéias e a crença de si mesma.

“**Branco**” e “**Negro**” – palavras utilizadas neste trabalho, consideradas socialmente construídas, dentro de uma dinâmica de relacionamentos sociais pautados por estereótipos e preconceitos. Imagem subjetiva do negro inferiorizada em relação ao branco.

Caráter – Definido como um padrão fixo de comportamento, como uma pessoa se defende do trauma. O caráter estrutura-se no corpo como forma de tensões musculares em geral inconscientes e crônicas, que bloqueiam ou limitam os impulsos em seu trajeto até o objeto. As estruturas de caráter, segundo Alexander Lowen seriam (Caráter esquizóide, oral, psicopata, masoquista e rígido).

Contra-transferência – Tudo o que o analista pensa, sente e vivencia sensorial e corporalmente durante a sessão analítica com o paciente. O paciente projeta sua fantasia sobre o analista, que vivencia o afeto correspondente com sua própria reação.

Couraça Muscular – tensão muscular crônica no corpo.

Discriminação racial refere-se a qualquer forma de distinção, exclusão ou preferência racial que efetivamente impeça a igualdade de oportunidades e de tratamento de indivíduos ou grupos.

Etnia é uma classificação de indivíduos, em termos grupais, que compartilham uma única herança social e cultural (costumes, idioma, religião...) transmitida de geração em geração, ou seja, categoria relativa a aspectos culturais.

Grounding, conceito central da Análise Bioenergética, envolve a noção de que as pernas originam não apenas sensações físicas, mas também sentimentos. Pernas firmes, com energia e bem plantadas no chão implicam em uma percepção de si mesmo e da realidade externa que resulta no sentimento de segurança. Numa conotação contemporânea, entende-se como “*enraizamento*”, capacidade de a pessoa entrar em contato consigo mesma e com o mundo exterior. É uma forma adulta de estar no mundo, integrando o corpo, coração e sexualidade.

Mecanismos de defesa são métodos defensivos com a finalidade única de auxiliar o ego na luta com a sua vida instintiva. Essa luta de impulsos põe em movimentos estes mecanismos.

Preconceito racial é definido como sendo qualquer predisposição negativa a respeito dos indivíduos, grupos ou instituições com base em generalizações estigmatizadas sobre a raça.

Raça se refere a um subgrupo de pessoas cuja combinação definida de características físicas significativas de origem genética e diversos graus de variação pelos quais essas características se associam.

Racismo é uma ideologia que promove a existência de uma hierarquia entre grupos sociais.

Realidade – no processo terapêutico trabalha-se com o conceito de realidade e real. Realidade corresponde a imagem que temos em nossa mente.

Resistência se refere a tudo o que nos atos e palavras do analisando, durante o processo psicanalítico, se opõe ao acesso deste ao seu inconsciente.

Transferência são os impulsos, sentimentos experimentados pelo paciente, em sua relação com o analista, que têm origem em experiências afetivas passadas e são agora revividos sob a influência da compulsão de repetição.

Vulnerabilidade é o conjunto de aspectos individuais e coletivos relacionados ao grau e modo de exposição a uma dada situação e, de modo indissociável, ao maior ou menor acesso a recursos adequados para se proteger das conseqüências indesejáveis daquela situação.

BIBLIOGRAFIA

AFID BRASIL, *Manual de Treinamento em Desenvolvimento Social*, DFID – Department for International Development, Programa de Capacitação do DFID, 2004.

BOADELLA, D. – *Correntes da Vida, uma Introdução à Biossíntese*, 2ª. Edição, Summus Editorial, 1992.

CROCHÍK, J. L. – *Preconceito – Indivíduo e Cultura*, São Paulo, Robe Editorial.

FAVRE, R. – *Viver, Pensar e Trabalhar o Corpo como um processo de Existencialização Contínua*, São Paulo, Revista Reichiana, Sedes Sapientiae, número 13/2004, p.75.

FERREIRA, R.F., *Afrodescendente: Identidade em Construção* – São Paulo: EDUC, Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

JORNAL “FOLHA DE SÃO PAULO” Dias 23/08/07-Caderno Turismo, pg. F.8, 29/08/07-Caderno Cotidiano e 27/09/07-Caderno Ilustrada.

KUSNETZOFF, J. C. – *Introdução à Psicopatologia Psicanalítica*, Rio de Janeiro, Coleção Logos – Editora Nova Fronteira, 1982.

LAPLANCHE E PONTALIS – *Vocabulário da Psicanálise*, 4ª. Edição, São Paulo, Martins Fontes, 2001.

LOPES, F. – *Brasil: Aspectos Históricos – Análise do Processo Institucional de Regulação do Fim da Escravidão*, Manual de Treinamento em Desenvolvimento Social, 2004.

LOWEN, A. – *Bioenergética* – São Paulo, Editora Summus, 1982.

MILLER, A. – *O Osso de uma Análise* – VIII Encontro da Escola Brasileira de Psicanálise – Bahia, Salvador, 17 a 21 de abril de 1998.

NOGUEIRA, I. B. – *Significações do Corpo Negro* – Tese de Doutorado em Psicologia- Universidade de São Paulo, USP – 1998.

REVOREDO, L., *Terapia Psicorporal – Quem Somos Nós*, Texto apresentado no Segundo Encontro das três Bios (Bioenergética, Biossíntese e Biodinâmica), realizado em Campos do Jordão, São Paulo em dezembro de 2006.

ROCHA, L. C. da, *Lei 10.639/03: Contextualização Histórica* – Apostila.

SEMINÁRIO – Saúde da População Negra – Estado de São Paulo – Instituto da Saúde, São Paulo, Imprensa Oficial, 2004.

SILVA, A. da C. e - *A Manilha e o Limbo* - A África e a escravidão, de 1500 a 1700 – Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2002.

SILVA, M.L. – *Racismo e Saúde Mental* – Apostila – Instituto AMMA-Psique e Negritude, 2005.

WEIGAND, O. – *Grounding e Autonomia: a terapia corporal bioenergética revisitada* – São Paulo, Edições e Produções Person, 2006.

ANEXOS

FOTO DO MONUMENTO TOMBADO PELA UNESCO COM LEMBRANÇA DOS ESCRAVOS



PROPORÇÃO DE ÓBITOS MATERNS, SEGUNDO MOMENTO DA MORTE E RAÇA/COR. BRASIL-CAPITAIS, 1º SEM 2002.

	Branca %	Negra %	Ignorada %	Total %
Gravidez	20,0	60,0	20,0	100,0
Até 24 horas após o parto	31,2	56,2	12,5	100,0
Até 43 dias após o parto	35,9	56,4	7,7	100,0
43 dias – 11 meses após o parto	11,8	64,7	23,5	100,0
1 ano e mais	–	50,0	50,0	100,0

Fonte: Laurent et AL (2002) apud Martins e col (2004).

Notas: 1. Excluídas as declarações de óbito das capitais Natal e Porto Velho.

2. Informações de raça/cor obtida nas declarações de óbito.

3. Não foi identificada nenhuma mulher de raça/cor amarela e indígena no estudo.

PROPORÇÃO DE ÓBITOS POR CAUSAS MAL DEFINIDAS, POR SEXO, RAÇA/COR E REGIÕES. BRASIL, 2000.

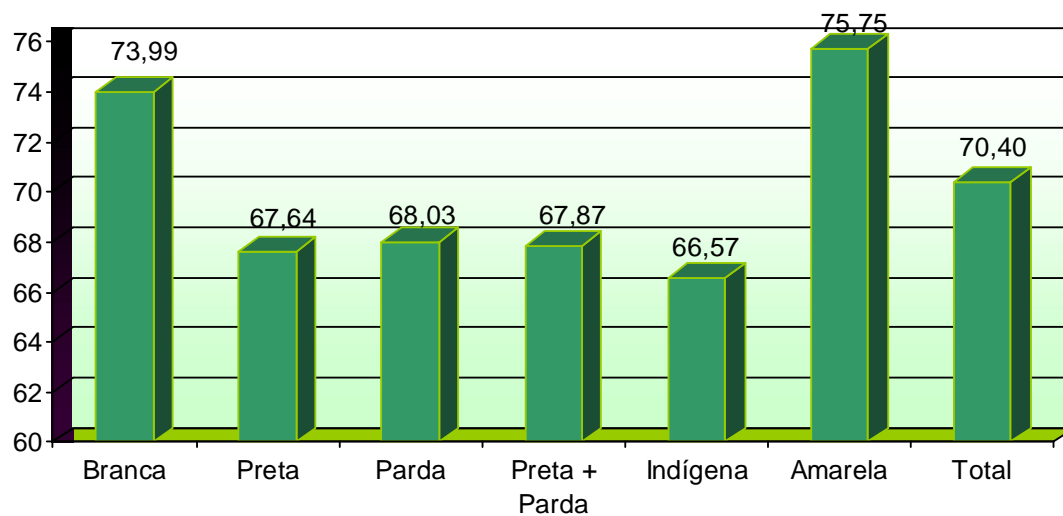
		Brasil	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul
M A S C U L I N O	BRANCA	8,02	14,31	16,74	6,37	7,88	4,76
	PRETA	12,46	19,17	18,15	8,20	11,08	4,70
	PARDA	13,41	20,25	15,78	7,62	9,07	6,43
	NEGRA	12,25	20,16	16,07	7,70	9,65	5,65
F E M I N I N O	BRANCA	8,36	16,63	19,55	5,92	7,79	4,52
	PRETA	13,61	18,15	19,56	9,43	13,29	4,01
	PARDA	15,86	24,85	21,17	7,80	11,30	5,65
	NEGRA	15,31	24,30	20,92	8,05	11,95	4,85

Fonte: SIM. Ministério da Saúde, 2000. Tabulações Especiais Instituto de Saúde, 2004. In: Batista e col, 2004.

TAXA DE ÓBITOS POR HIV/AIDS, SEGUNDO SEXO E RAÇA/COR: GRANDES REGIÕES, 2000.

Região/Sexo	BRANCA		PRETA		PARDA		NEGRA	
	M	F	M	F	M	F	M	F
Norte	3,95	1,47	5,01	0,81	3,80	2,10	3,90	2,00
Nordeste	3,40	1,05	5,84	1,85	3,12	1,13	3,47	1,21
Centro-Oeste	6,81	2,66	9,24	9,21	7,16	2,79	7,38	3,40
Sudeste	15,64	5,45	23,13	12,29	11,94	5,41	14,08	6,70
Sul	6,33	2,02	6,13	3,00	0,74	0,43	1,77	0,91

Fonte: SIM. Ministério da Saúde, 2000. Tabulações Especiais Instituto de Saúde, 2004. In: Batista e col, 2004.

ESPERANÇA DE VIDA AO NASCER POR RAÇA/COR. BRASIL, 2000.

Fonte (dados básicos): IBGE, Censo Demográfico 2000.

Notas: (*) nos dados básicos, inclusive as mulheres sem declaração de Cor ou Raça.

(**) dados básicos sem significância estatística para produzir a estimativa.

(Paixão e col., 2004)